PARA QUÊ?

LIVRO ESCRIPTO

POR

AFFONSO LOPES-VIEIRA

COIMBRA
F. FRANÇA AMADO, EDITOR.
RUA DA CALÇADA
ANNO DE MDCCCXCVII.

PARA QUÊ?

PARA QUÊ?

LIVRO ESCRIPTO

POR

AFFONSO LOPES-VIEIRA

COIMBRA
F. FRANÇA AMADO, EDITOR.
RUA DA CALÇADA
ANNO DE MDCCCXCVII.

Tiraram-se d'esta Obra:

5 exemplares em papel d'Hollanda.
400 exemplares em papel de linho das fabricas nacionaes.

A Minha Mãe

A Meu Pae

Isto pensava, isto escrevo; isto
tinha na alma, isto vae no papel:
que d'outro modo não sei escrever.

GARRET.

PARA QUÊ?

Péga numa caveira, e olha bem
Os buracos dos olhos, encovados...
E comtudo teve olhos animados,
Lindos, talvez, ou como os teus, tambem.

E agora, vê lá tu o que ella tem!
De a olhar, ficam-te os olhos magoados...
Pois Tudo pára em Nada! E desvairados
Nossos olhos não vêm para Além.

O' Senhora da Treva e da Agonia!
Para que serve andar aqui um dia
Neste Val' de Afflicção que a gente vê?

P'ra que serve, dizei, tanta afflicção?
P'ra que serve mostrar o coração?
Amor e Gloria e Vida... para quê?

Ó minha ingenua Avó, contae-me aquella lenda
Que me contaveis já, quando eu me ia sentar
Tam virginal, junto de vós, d'olhos na Lenda,
Quando estaveis sentada á luz do poente, a fiar...
Contos da *Bella-Infanta* e lendas de Piedade,
Princezas a dobar linho feito de flôres;
Iam passando pela estrada trovadores
E peregrinos d'olhos cheios de saudade...
Fusos de prata e preciosas dobadoiras,
Rainhas a chorar e fontes soluçando
Em cêrcas e jardins de palacios de moiras
Com a lua no céo verde claro, boiando...

Nossa-Senhora a proteger-nos de revezes
E a guiar as creancinhas nos pinhaes,
Contos de metter mêdo e contos dos Francezes
Que eu ouvi tanta vez e me não esquecem mais!
Na nossa casa havia um riso abençoado,
Nosso pomar chorava os fructos para o chão,
E tudo em volta respirava socegado
E tudo tinha o mesmo ar bom, de perdão!
Ah, não me esquecem, não, por mais que o tempo passe
E que os tedios d'agora tanta vez me vençam,
Aquelles contos que uma vez vos escutasse
Depois de vos beijar pedindo-vos a bençam.
Num Oratorio acolhedor ia rezar
Tanta vez, tanta vez, com os olhos pregados
Na Virgem-Santa d'olhos lindos alagados
Nuns lindos olhos que me estavam a chamar...
E ainda sei a Ave-Maria luminosa
E uma oração que as trovoadas afugenta,
Que de joelhos e de vista lacrymosa
Nós iamos rezar em noites de tormenta!
Sobre a vossa cabeça ingenua e sorridente
Que foi, religioza, a Vida atravessando,
Um inverno doce, um inverno calmo, ingenuamente
Como em bençãos de neve aos poucos foi pousando...
E eu tinha a alma tam da cor d'esse cabello,
Tanta pureza de primeira-communhão,
Que parece que havia em mim o sete-estrello
Com as sete estrellas a luzir no coração!...

Como vae perto aquelle tempo, aquella edade...
Como vae longe... Que saudade! Que saudade!

E ás lufadas, como se o Vento m'as trouxesse
Levantam-se da cova e vêm p'ra mim, numa ancia...
E vejo agora, e ouço agora todo esse
Tempo passado que se afunda na distancia:

Choupos d'oiro, no outomno, as noras a chorar
E uma saudade, uma elegia pelo Ar...
Maria do Rosario, no cimo da escada,
A abraçar-me a chorar, de contente, coitada!
S. Pedro ao sol luzindo em suas casas caiadas,
Casas velhinhas todas com alpenduradas;
A capella no alto, com vidros de côres
E dentro ao fundo, olhando, a Senhora das Dôres;
O Zé Lameiro, á tarde, olhando para o mar,
Emmalhando uma rêde p'ra lá ir pescar;
Raparigas queimadas do ar do mar, passando
Na estrada que lembrava uma cobra ondulando;
A nossa casa com craveiros nas janellas
E que frolidas e velhinhas eram ellas!

E tinha ao sol uma brancura de papel,
Que linda casa para uma lua de mel!
Ainda agora, como então, ao sol a vejo,
Com S. João, sob o alpendre, em azulejo.
O relogio da sala a dar horas — seus ais,
E na parede, trespassada de punhaes,
Nossa-Senhora num painel desvanecido
Alevantava o seu olhar como um gemido!
E por baixo do quadro, (estou a vê-lo) tinha
Escripto: — olhae, vêde se ha dôr egual á minha...
Os mendigos, rezando á porta, a pedir esmola
E que levavam sempre cheiinha a sacóla;
A bisavó, quando me via engatinhar,
Que dizia: — Filho, já te não vejo andar!
O busto em bilha da que não tem outra egual,
Que fazia pensar na Joanninha do Valle;
O senhor cura, que era já muito velhinho,
Sempre a casar os outros, e sempre sósinho!
O velho Antonio, que era o nosso feitor,
Que me chamava já então — Sr. doutor!
O cemiterio que parecia um jardim
(Onde eu hei-de dormir um longo somno, emfim!)
Rio Liz a correr entre pomares e flores,
Meu rio d'ecloga e d'idyllios de pastores,
Evocavas Francisco, a doçura do prado
E Violante «quando vae mugir o gado...»
As serras tristes, escalvadas, da *Abbadia;*
A *Senhora do Monte,* onde ás tardes eu ia,

Em sua ermida muito branca com seu adro;
E lembro agora a lenda, o religioso quadro
Que me contavam quando eu lá ia d'antes...
Nossa-Senhora apparecida aos Navegantes
Que iam perdidos no alto mar, sob a procella,
«E prometteram levantar uma capella
No monte que primeiro avistassem do mar...
E foi aqui que a vieram alevantar».
Minhas tardes d'agosto! O' meu tempo sem travos!
Cantava na varanda o vermelho dos cravos!
Agora se lá fôr, p'ra frolir a lapella,
Só vejo cravos-de-defunto na janella...
O' infancia perdida! O' lareira apagada!
Paysagem verde, claro rio, sol que cae,
Magnolia do quintal, azulejos da escada...

Minha ternura para tudo que *lá vae!*

2

Para Henrique de Vasconcellos.

A FONTE DO AMOR

Uma manhã, antes que o sol nascêsse,
Eu pastoreava as cabras pelo lindo,
Macio prado aonde o pasto cresce...
Meu gado ia balindo,
Subindo a encosta do monte,
E meus olhos, pastores, iam-no seguindo...

Ouvindo agoa a fallar, olhei... Defronte
Um ribeiro entre seixos deslisava...

E puz-me a procurar
Com meu olhar
Sem brilho,
A mãe que sustentava
O melodioso filho...

E meus olhos agora procuravam
A fonte que eu ouvia,
E já nem via
Os cordeirinhos que de longe me chamavam...

Fui seguindo o caminho
Que o claro ribeiro me ensinava,
E emfim, entre manso rosmaninho
Vi perto a fonte que por mim chamava...

Calcando a herva com mavioso geito,
Parei então defronte
D'essa cantante e mysteriosa fonte,
Que disse assim :

— «O' vós que tendes sem cantar dentro do peito
Os vossos corações, — bebei em mim!
Bebei, bebei, bebei minha agoa tranquilla...
Não ha magoa que se não quebre,
Apago a febre,
Minha voz adormece-me, de ouvi-la!

Sou a fonte do Amor;
As minhas agoas milagrosas
São como uma chuva de rosas
Nos corações onde móra a dor!
Cegando os que têm vista clara e firme
Amostro-lhes depois mil maravilhas,
As delicias são minhas filhas
E só por não seguir-me,
Esse ribeiro de prateadas agoas
Que vae por campos a reverdecer,
Vae cantando e chorando suas magoas
Por nunca mais me vêr!
E a chorar, pelo prado,
Com saudades de mim, por hi além,

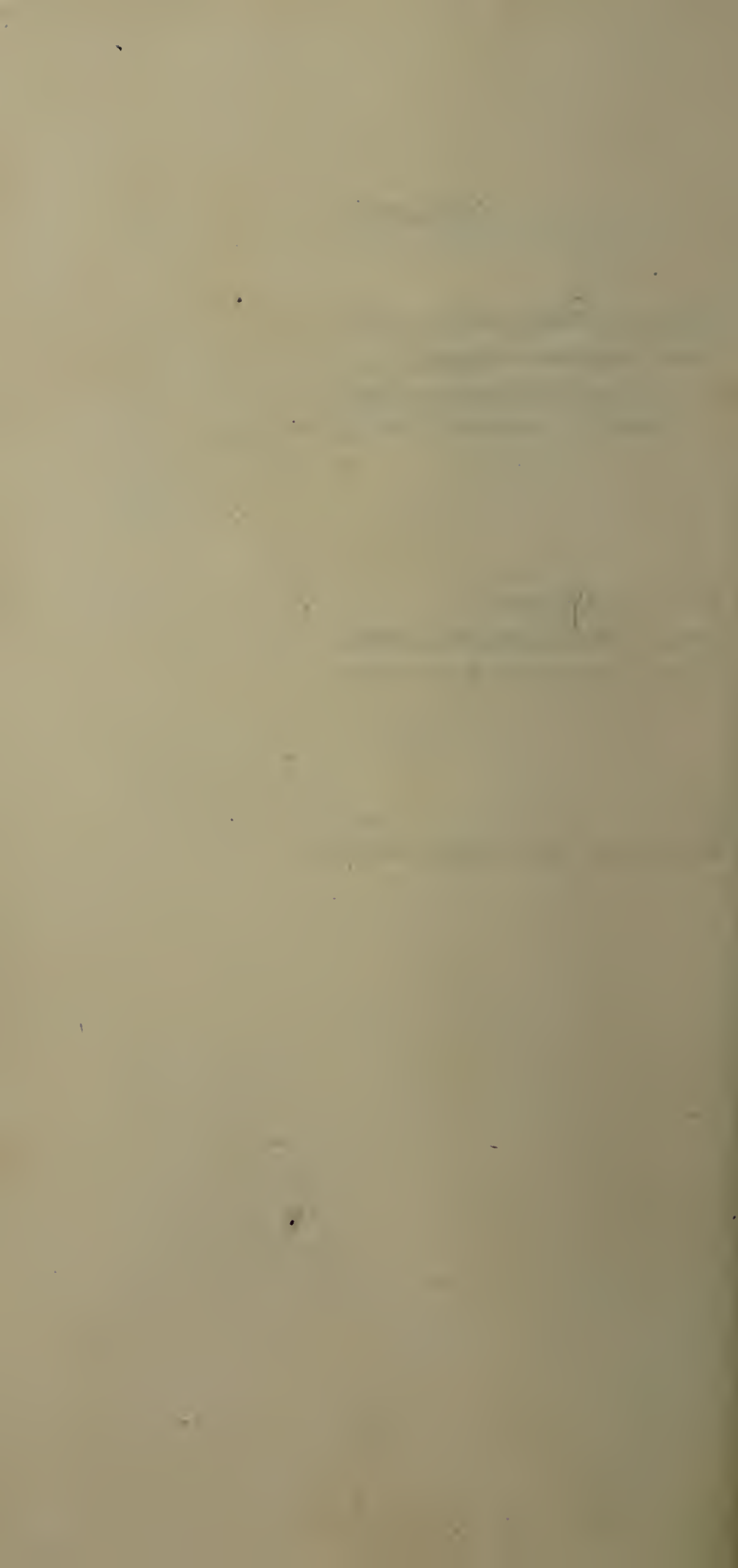
Quando chega ao mar salgado
Vae salgado de lagrymas tambem!
Bebei, e a vossa alma irá qual num andor
Dôce e macio,
Que fosse levado á flor
D'um rio...»

Ouvindo assim fallar as agoas, eu,
Com sêde de amores,
Collei da bocca as flores
A essa fonte do Céo...

Fonte do Amor! Por mais que lá bebia
Annos e annos, cada vez mais velho,
A cada instante a sêde mais crescia.
E as agoas mentirosas
Serviam-me de espelho
Para eu vêr,
Sempre a beber,
A minha bocca de fanadas rosas...

Cheguei a velhinho, ainda lá bebia...
Outros chegavam p'ra beber;
E eu, sempre a beber tambem, dizia:
— E' mentira! é mentira! Esta agoa faz soffrer!

Um dia, emfim, parei...
Estava velhinho, cheio de engelhas,
A minha bocca era de flores velhas,

Mas uma vez ainda a Fonte procurei...

VILANCETE

A uma Senhora que lhe chamou cara de bebedo

Bebedo, Senhora, sou
De olhar para vós sómente;
Nem ha vinho mais ardente...

Meus olhos são dois borrachos
Ao vêr, sem rasão nem tino,
O vosso cabello em cachos
E o vosso perfil divino...
E o vosso bafo é tam fino,
Que de o aspirar sómente,
Vi ser mais que vinho ardente

Em vossos olhos bebia
O vinho do vosso olhar;
Taça não ha tam sombria
Nem vinho assim d'incantar...
Para que heis pois de chamar
Bebedo a mim, se sómente
Bebo o vosso olhar ardente?

Antes eu nunca bebêra,
Nem vossos olhos sonhasse
Em vossa face de cêra,
Na cêra da vossa face...
E se de vós me apartasse,
Não bebia vinho ardente,
Bebia pranto, sómente...

VILANCETE

A uma Senhora que se chamava Esperança

Dizem que sois Esperança,
Não no verei eu jamais,
Pois a mim desesperais...

Como quereis que eu agora
'Sperança vos vá chamar,
Se a mim só desesperar
E' que vós fazeis, Senhora?
Assim vos chamem, embora,
Não vos chamarei jamais,
Pois a mim desesperais.

Em vossos olhos ficou-me
O melhor que havia em mi,
P'ra tudo perder, perdi
Fé que tinha em vosso nome.
E vosso nome deixou-me
Sem acreditar no mais,
'Sperança que desesperais.

Será malaventurado,
Esperança ha-de perder,
Aquelle que em vós puzer
Sua esperança e cuidado...
E fui eu esse coitado
Que sem 'sperança deixaes,
'Sperança que desesperais...

CREANÇAS

Aprendereis, mais tarde, estas duras lições
Que, ai de mim! aprendi nesta aspera lida...
Como cravos a abrir são vossos corações,
Mas depois hão de ser uma larga ferida!

Sair-vos-ão, pelas estradas, os ladrões;
Vereis odios, o Mal, muita dor escarnecida,
A Estupidez, a Inveja, insultos e traições,
Esta desgraça, as Dores do Mundo, o Mal da Vida!

Como nós, por desgraça, inda haveis de saber...
Vossos olhos serão, como os nossos, as fontes
Que nunca param, nunca param de correr!

E prostra-me, porisso, ouvir-vos, doidas, rir!
Como quem olha da planicie os altos montes
E só de olha-los cança, á idéa de os subir...

AO MANOEL-COVEIRO

Com que saudade, amigo, agora lembro
A tua sombra esguia e corcovada
E fria como as covas em dezembro!

Estou a vêr-te, mais á velha enxada
Que tu nunca deixavas todo o dia,
Que nunca foi amante abandonada,

E que sempre, bom velho, te servia
Para cavar tua piquena herdade
E abrir as covas para quem morria!

E lembro agora aquella piedade
Que tu tinhas com os mortos, mesmo quando
Tinham cama no chão, por caridade...

Em alguem d'este Mundo desertando
Tua pessôa amiga logo vinha
E começavas logo trabalhando.

Para os defunctos a tua mão tinha
Levezas d'aia, quando lhe tocavas
Não era mais ligeira uma andorinha!

Com cuidado o defuncto barbeavas,
(Não fosses tu magoá-lo...) e o vestias
E ias cantando emquanto trabalhavas.

E ha que tempo, ha que tempo que o fazias!
Como eras velho já, meu bom coveiro,
Quasi enterraste duas freguezias!

Quando as covas são brancas, em janeiro,
E os mortos, sob a terra, dormem mal
Por ser duro na terra o travesseiro,

E a lua, como um cravo, tem um tal
Brilho no céo e um cheiro pelos ares
Como uma laranjeira num quintal,

Cheiram a lua os fructos nos pomares
E a agoa das fontes, o vento da serra
E tudo sabe aos mysteriosos luares,

Foi por um tempo assim, que tu á terra
(Que punha a tua enxada como um espelho)
Déste o teu corpo, que ella agora encerra...

E agora na tua cova eu ajoélho:
A Morte, de quem eras afilhado,
Tambem por fim te appeteceu, bom velho!

Dorme, dorme o teu somno socegado
Ao pé d'esses a quem fizeste a cama
E te diziam todos: Obrigado!

A Morte para ti será uma ama
E ha-de cantar-te como a um menino
P'la noite velha, ao pé da tua cama.

E será dôce, ahi, o teu destino...
Não te ha-de metter mêdo a podridão
Do teu corpo esverdeado como um sino!

Na tua cova, sobre o coração,
O cobertor de terra tem-te ao abrigo
E não tens frio como outr'ora, não.

Mas talvez nesse dia, meu amigo,
Em que a morte não quiz que aqui ficasses,
Tu mesmo, por costume e habito antigo,

Abrisses a tua cova e te enterrasses!

Para Alberto Pinheiro.

AS NORAS

Ó velhas noras, gemedôras, junto aos rios,
Ha que annos choraes a vossa extranha dor!
Debruçam-se p'ra vós velhos choupos esguios
E em baixo o rio vae mansinho como um andor...

Que extranhas almas incarnaram nessas noras
Que de tanto chorar já quasi roucas são?
Nora da quinta, que desgosto é o teu que choras?
Tens sob as taboas, a gritar, um coração!

Vosso duro esqueleto é todo feito em cruzes,
Dobadoiras da agoa, encolhidas, num charco!
Lagrymas cáem dos chorosos alcatruzes
E a dor arripia o vosso corpo em arco!

Pobresinhas de vós! E que infinitas magoas
Eu adivinho sob a vossa dor tamanha...
A's vezes soluçaes, fallaes baixinho ás agoas,
Mas outras vezes vosso chôro afflige e arranha!

Soluçantes, de noite, amedrontaes quem passa,
Eu ao passar por vós, em creança, resava...
Mas hoje comprehendo, ai! a vossa desgraça,
Se vos não entendia é porque não chorava!

Que affinidade existe entre o meu sentimento
E o vosso chôro, para assim me commover?
Eu adivinho egual ao meu vosso tormento,
E é preciso chorar p'ra vos comprehender!

Chorae ! chorae ! chorae ! Pobres almas penadas...
De tantas voltas dar, já mal podeis mexer-vos.
Cumpri vosso fadario, ó nóras condemnadas,
No ataque sem fim dos vossos doidos nervos !

Noras dos rios, noras tragicas, velhinhas
A que a dor corcovou, numa lamentação !
Senhoras da Agonia ! Enfermas ! Ladainhas
Feitas de taboas ! Moinhos da Afflicção !

Quando eu morrer, na velha nora gemedôra
Que parecia de noite uma ama a cantar,
Ponham meu coração ! Preguem-no numa nora !
Para depois de morto inda poder chorar...

I

O PASTOR.

Eu mail-a minha frauta e meu bordão,
Pastor de Rimas, fui cantando o Amor...
Ria em meus labios a innocencia em flôr
Banhando-se nas agoas do Jordão!

Como Nossa Senhora num andôr
Levada numa ingenua procissão,
Eu levava tambem no coração
A acalmadôra bençāo do Senhor...

Amor e paz! Candura d'açucenas,
Toadas do Bemdito e cantilenas
Na alma do pastor d'olhar singelo...

Fiandeiras de linho o namoraram;
Depois, por fim, só todas lhe deixaram
As sete bençãos d'oiro — o sete-estrêllo...

II

E a Fiandeira, á porta, ao vêr passar
O ingenuo pastor d'olhos magoados,
Emballado em suspiros dos seus gados
Que todos iam, tristes, a chorar,

Alevantou os olhos incantados
E os olhos do pastor pegou d'olhar...
Na alma do pastor estava a fiar
A trama dos amôres e dos cuidados...

Mas o pastor, immovel, ai! ficou-se
Embebecido em tanta fermosura
Na frescura do linho ingenuo e dôce...

Depois, partiu... Já desmaiava o luar...
E ao vêr os astros brancos pela altura,
Julgou que eram os linhos a córar...

III

AI DE NÓS!

Chorae comigo, todos vós que andaes
Cansados do caminho, ao começar...
Pela Vida não ha estradas reaes,
São tudo bêccos e sem luz, sem ar!

O' tudo o que não volta nunca mais!
Tudo o que eu tinha, como o hei-de achar?
O' lenço branco do Passado, aos ais,
Numa curva da estrada inda a acenar!

Piedade, Senhor! Fazei, ao menos,
Que a nossa mão não trema, erguendo a taça
Onde bebemos os nossos venenos!

E que acabada a lucta, ao fim, tambem
Nos alumie uma divina graça
E partamos serenos para Além...

IV

Repara, como eu ando derreadinho,
Hão de pensar que d'annos, tenho cem!
Eu vim assim, eu era já velhinho
Quando resava ao pé da minha Mãe!

Logo cancei, mal chegara ao caminho...
Não sou culpado; e a culpa quem na tem?
Só o teu braço, vê, que é tam fraquinho
Me podia levar por hi além!

Mas um dia, talvez eu possa ainda
Ser uma vez rapaz, ter luz no olhar,
Só de te ver a ti tam moça e linda!

E terei a alegria que não estanca,
Quando nos fôrmos ambos a casar
Ao padre-cura Luar da estola branca...

V

Ás vezes, sinto em mim a alma serena
E é nesse instante que eu te adoro, sim!
Santa do altar frolido de novena
Que eu alevanto ás vezes dentro em mim!

Teus verdes olhos, onde molho a penna,
São como o rouxinol de Bernaldim,
Que caiú a cantar na agoa serena...
Dos teus olhos o pranto cae assim!

Mas quantas vezes, quantas, meu thesoiro!
Meus olhos se alevantam, a chorar,
E minha bocca ri um riso d'oiro!

Que oceanos de dôr o peito alagam!...
Sou como os marinheiros que no mar
P'ra não verem a morte, se embriagam...

VI

Todo este amor e toda esta saudade
Que mais fez corcovar a nossa vida;
Esperança já ganha e já perdida,
Longas noites da minha anciedade;

Lepra na alma, tedio, soledade,
Uma dôr sempre nova e já soffrida,
E só amada e só appetecida
A dôr que nunca mais voltar nos ha-de...

De que serviu, dizei, tanta amargura?
De que serviu, Senhora, tanta dôr
Se todo o mal no tempo encontra a cura?

De rosto enxuto agora olho o passado...
Que das desgraças todas a maior
E' não poder ser sempre desgraçado!

VII

Olhos que sois bem meus, que pára a banda
De aonde estou vos vejo alevantados;
Verdes olhos que sois os meus cuidados,
De meus olhos andaes sempre em demanda.

Antes a vossa luz serena e branda
Alumiasse a outros desgraçados!
Que de vos vêr p'ra mim sempre voltados
A dôr de vos perder comigo anda!

Como dois cordeirinhos piedosos
Comigo andaes, por montes e por valles,
Verdes olhos misericordiosos!

Nunca os olhos abrisse, p'ra vos vêr!
Olhos que sois meu bem e sois meus males...
Que mór dôr é possuir do que não ter!

VIII

PASSEIO AO SOL.

Deixo emfim os asphaltos da cidade
E os céos de magoa, verdes, em estagnancia,
E ao ar livre que sabe a mocidade
Encho os meus pulmões d'ar e a alma d'infancia.

Neste regresso á tranquillidade
Por caminhos ao sol, vou numa ancia,
Bebo o ar, bebo o sol, bebo a saudade
Que se evola dos longes, a distancia...

Acenam-me de longe os pinheiraes;
Quando eu passo, uma nora que gemia
Vae moendo a sua dôr, e põe-se aos ais...

E ao sol, em meio da sonhada Paz,
Sinto nascer em mim a nostalgia
Das cidades, á noite, á luz do gaz...

IX

Esquecer! Esquecer! Quem me diria,
Depois de tanto amor, tantos cuidados,
Que a côr dos vossos olhos levantados
Eu tinha d'esquecer ainda um dia!

Linhas do vosso corpo, que então via,
Brandos gestos e risos namorados,
Já mal os vejo e quando são lembrados
Já mal m'os reproduz a phantasia.

Tudo passou ! Tudo esqueceu, Senhora !
E' o destino de todos os que amâmos...
Quem se lembra das nuvens que passaram ?

Quem m'o diria ! E assim agora
Um do outro esquecidos, duvidamos
Se somos nós aquelles que se amaram...

X

SENHORA DO MONTE.

Quem me déra o destino de ficar,
Senhora que moraes na alta ermidinha,
Da altura que ha dezoito annos tinha
Quando me foram, lindo, baptisar!

Não havia de agora blasphemar,
Esquecer-me de ti, minha madrinha!
Se ficasse p'ra sempre creancinha,
Irmão do filho que sustentas no ar!

Ou a ter de ser homem, queria ser
O morêno pastor que anda na serra
E somente nos astros sabe lêr!

Viver perto do céo, pelos oiteiros,
E julgar doce a Vida e boa a Terra
De as avaliar p'los olhos dos cordeiros...

XI

Perto do Ceo, (porque do Ceo é ella)
Piquena como as pombas, como as flores,
Vossa Imagem que está numa capélla
Evóco no inferno d'estas dores.

Lembro, na solidão da minha célla,
A festa que vos fazem os pastores;
As promessas de quem leva uma véla
E as orações dos simples cavadores.

Quem comvosco se apéga em sua dôr
Vê sarado o seu mal, quem vos rezar
Se doente estiver, fica melhor...

E a mim, porque deixaes tam desgraçado ?
Que fiz eu, que fiz eu para assim estar !
Que mal vos fez, dizei, vosso afilhado ?

XII

Quando meus olhos para traz levanto,
Como numa suprema despedida,
A mim mesmo pergunto, se perdida
Não foi esta canceira em que ando ha tanto.

Inda ha pouco parti... Mas ai! ha quanto
Tempo não morro nesta minha vida!
Mais parece que em mim trago escondida
A alma d'um outro, num mortal quebranto.

Uma outra alma, embora de amargores,
Em mim se esconde; eu a presinto apenas,
E differentes da minha tem suas dôres.

Desconheço-me, e sou bem eu, então!
Quando em mim grita, em suas doidas penas,
Todo o cansaço d'uma geração...

A' memoria de João de Deus.

XIII

A DOR DOS OUTROS.

Fui por montes e valles, caminhante
A' lua, ao sol, do vento acutilado,
Adivinhar a dôr no olhar turvado
Dos que passavam pela Vida adeante.

E seus olhos, que o mesmo sonho errante
Esgazeára e tinha hallucinado,
Ninguem nos tinha então adivinhado
E diziam a mesma dôr distante...

De logar em logar, de rua em rua,
Apprehendi a dôr dos que passavam
E minha dôr julguei-a pela sua.

Todas as dôres adivinhei, e assim,
Vi que as dôres dos olhos que fallavam
Eram nelles eguaes á que era em mim !

XIV

Maria do Rosario, que contavas
O conto d'uma Infanta magra e fina,
(Que por tua vez, ás noites, escutavas
Ha cem annos, quando eras pequenina...)

Mal tu adivinhavas minha sina
Quando em braços amigos me apertavas!
E's agora p'ra mim moça e menina
E sou eu que te conto o que contavas!

Vê se descobres, entre aquellas Fadas
Que com sua varinha de condão
Faziam d'oiro as vestes desbotadas,

Uma, cujo poder alto e divino
Floresça nossas almas de illusão...
E me faça outra vez o teu menino!

XV

A DOR DAS PAYSAGENS.

Pobres paysagens tam desfallecidas,
Em vossos tons eu adivinho ais!
Rios chorosos vão em despedidas
Aos choupos tristes — para nunca mais!

O' tristeza das arvores torcidas
Nesta paysagem verde d'olivaes!
Porque soffreis, eguaes são nossas vidas
E todos os que choram são eguaes...

Aos fins de tarde, todas arripiadas,
Mais pareceis humanas, tam aguda
E' vossa dôr que eu sei adivinhar.

Minhas pobres paysagens torturadas!
Tendes a dôr maior, a dôr que é muda,
Desgraçadinhas! não podeis fallar...

XVI

BEATI QUI LUGENT.

Horas em que chorei, quando vos tinha
A alliviar-me na ancia do tormento,
Ereis minha esperança, e fundamento
Para outra esperança que não vinha.

Agora, que faltaes quando na minha
Má hora vos evoco e vos lamento,
Eu vejo que fundei tudo no vento
E que o vento levou tudo o que eu tinha...

Já não posso chorar... Embora a mágoa
Esteja dentro de mim, nunca em meus olhos
Apparece, a fazê-los fontes d'agoa...

Horas em que chorei, todas se foram...
Bemditos os que vão pisando abrolhos
E bemaventurados os que choram!

XVII

ADEUSES.

Lenços brancos nas curvas das estradas,
Quanta amargura, quanta dor dizeis!
Nas mãos que vos agitam levantadas,
Pombas feridas, a voar, pareceis.

E que torturas, que ancias ignoradas
Vós traduzis no gesto que fazeis...
Despedidas de mães, de namoradas,
De tantos que jamais! jamais vereis!

Lenços brancos distantes, a acenar !
Sois a elegia dos que vão embora
E andam por terras, mares, sob altos céos...

Quando eu partir p'ra nunca mais voltar,
Aos que assistirem ao meu bota-fóra
Com um lenço branco lhes direi adeus...

XVIII

SAUDADES.

Que perfumes que veem do Passado
Quando a gente p'ra traz se fica a olhar...
Rebanho de saudades, pelo Ar,
A seguir o pastor amargurado.

Outomno na alma, cinzas e fanado
O poente... Que saudade d'acabar!
E' dia: que saudades do luar...
E' noite: que bom é o sol amado!

Saudades, meu amor como velhinhos
Têm-nas os olhos, dois entrévadinhos,
Sempre a lembrar passadas claridades...

Saudades do meu tempo de menino,
Saudades do que amei, moço e divino,
E saudades até... d'outras saudades!

PARA QUÊ?

Como quem pára ao fim d'uma jornada,
Extenuado, exangue, e foi deixando
O seu sangue no pó da immensa estrada
Por onde vinha, ha muito, caminhando...

E sua vista, de chorar quebrada,
Ao caminho que andou a vae botando,
E reconhece emfim que andou p'ra nada
E para nada foi que andou penando...

Assim eu, que gastei o sentimento
Puz nua a alma e escrevi com sangue
O que em meus olhos a tua alma lê,

Pergunto ao fim do aspero tormento:
— Alma que vaes perdida e vaes exangue,
P'ra que choraste e andaste... para quê?

INDEX

ERRATA

A pag. 58, onde se lê

Quem m'o diria! E assim agora

Deve lêr-se

Quem m'o diria a mim! E assim agora

A pag. 64, onde se lê

... embora de amargores,

Deve lêr-se

em hora de amargores,